



METODOLOGIA ATIVA EM TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DO DESIGN THINKING NO TRABALHO DE PRÁTICAS DE LETRAMENTO

Bárbara da Silva Bittencourt Dantas

Universidade Federal da Bahia

E-mail: bittencourt091@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar as contribuições do processo criativo Design Thinking no trabalho de práticas de letramento em turmas de alfabetização. Os estudos indicam que a abordagem Design Thinking tem sua perspectiva centrada no ser humano e busca nas resoluções de questões que envolvem os alunos e a sua realidade, fomentando o desenvolvimento da empatia, criatividade e o trabalho colaborativo. À luz de pressupostos teóricos que compreende a língua como um produto social e que considere as práticas da leitura e da escrita dentro dos seus usos sociais, o estudo dialoga com concepções de letramento de Tfouni (2020) e Kleiman (2007). Após uma revisão bibliográfica, compreendemos que o uso da abordagem Design Thinking favorece o trabalho com as práticas de letramento em turmas de alfabetização, por meio do desenvolvimento das etapas inerentes ao processo é possível que o professor fomente o trabalho com práticas de leitura e escrita, inscrevendo os alunos em eventos de letramentos em que considere os contextos sociais dos quais estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Design Thinking; alfabetização; letramento, práticas de leitura e escrita; eventos de letramento.

ABSTRACT: This article aims to analyze the contributions of the creative process Design Thinking in the work of literacy practices in literacy classes. The studies indicate that the Design Thinking approach has its perspective centered on the human being and seeks the resolution of issues involving students and their reality, fostering the development of empathy, creativity, and collaborative work. In the light of theoretical assumptions that understand language as a social product and that consider reading and writing practices within their social uses, the study dialogues with conceptions of literacy by Tfouni (2020) and Kleiman (2007). After a literature review, we understand that the use of the Design Thinking approach favors the work with literacy practices in literacy classes, through the development of the steps inherent to the process it is possible for the teacher to foster the work with reading and writing practices, enrolling students in literacy events that consider the social contexts in which they are inserted.

KEYWORDS: Design Thinking; literacy; literacy, reading and writing practices; literacy events.

CITE ESTE ARTIGO: DANTAS, Bárbara da Silva Bittencourt. Metodologia ativa em turmas de alfabetização: contribuições do design thinking no trabalho de práticas de letramento . Revista Internacional de Ensino e Educação (RIEE), Salvador (Ba), v. 01, n. 01, p. 43-55, jan/jun. 2025. Semestral. Disponível em: <https://riee.com.br>. Acesso em: XX de XXXX de XXXXX.



INTRODUÇÃO

O estudo sobre as metodologias ativas surge como uma possibilidade de ampliar as concepções de práticas de aprendizagem dentro da sala de aula, em que os alunos se tornem o protagonista na busca pelo conhecimento, o que permite também uma mudança de postura do professor e das relações que são estabelecidas sobre os conteúdos e as aprendizagens.

É possível, na perspectiva das metodologias ativas, desenvolver contextos de aprendizagens, em que os alunos podem explorar, desenvolver e ressignificar determinados conceitos, de maneira crítica, colaborativa e interativa. Segundo Valente, “as metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e de aprendizagem no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, por investigação ou resolução de problemas” (Valente, 2018 ,p,26)

Nesse sentido, a escola sente-se desafiada em pensar em práticas que contemplem essas concepções, que acompanham sobretudo a mudança de perspectiva do que é ser aluno nos tempos atuais, em que a informação e conhecimento estão muito mais acessíveis, o que consequentemente, muda também a forma como o aluno se relaciona com o seu processo de aprendizagem.

As possibilidades de se pensar em um ensino que possa contemplar o aluno considerando suas especificidades, a sua trajetória enquanto sujeito social, cultural e histórica vem tornando-se presente no cerne dos debates em relação às novas metodologias para o agir pedagógico.

Essa ótica de compreender o ensino dialoga com as concepções de letramento que será proposta nesse trabalho, em que compreendemos o letramento como práticas sociais que envolvem as interações dos sujeitos alfabetizados ou não com a linguagem em situações diversas e cotidianas. Segundo Kleiman (2010) o processo de tornar-se letrado é um processo identitário, ou seja, as práticas sociais de letramento as quais um sujeito está inserido e as suas relações fazem parte da construção da sua identidade.

A escola como uma das principais e mais importante agências de letramento pode, mesmo tendo que romper com tradicionais práticas e repensar antigos paradigmas, incorporar práticas que combatam um modelo elitista e excludente, possibilitando um caminho mais efetivo e significativo para o mundo de práticas de letramento. Nesse contexto, é possível então pensarmos no uso das Metodologias Ativas na perspectiva de aprendizagem dos alunos em turmas de alfabetização, especificamente, a partir do processo chamado Design Thinking.

Entretanto, de que maneira o processo do Design Thinking, enquanto um modelo de metodologia ativa, pode contribuir com o desenvolvimento de práticas de letramentos a favor de uma formação crítica, humana e cidadã do estudante? A partir desse questionamento ou pergunta/problema, é possível também provocarmos outras indagações, que serão também abordadas, visto que atravessam a questão principal que o artigo se propõe a refletir, tais como: qual metodologia



ativa utilizar com alunos que ainda estão no processo de alfabetização? É possível trabalhar com protagonismo com alunos de séries iniciais? Como utilizarmos o Design Thinking em turmas de alfabetização?

É importante dizer que ainda existem pontos que precisam ser explorados em relação à temática. Há ainda muitos entraves em relação das metodologias ativas em determinados segmento educacionais, visto que, há mais propostas que contemplam a utilização dessa metodologia para o ensino fundamental II e médio, ou seja, com alunos com idade maiores.

Pouco se discute esse tema para alunos que cursam séries iniciais do ensino fundamental, principalmente, para turmas de alfabetização o que, conseqüentemente, dificulta a apropriação desses conhecimentos por parte dos docentes que ensinam nesses segmentos.

Com isso, destaco a importância desse estudo para os profissionais docentes, em atuação ou em formação, visto que o mesmo fomentará discussões sobre os entraves e desafios em relação ao uso das metodologias ativas no campo educacional no segmento de séries iniciais, sobretudo irá colaborar para um aprendizado que é pouco debatido dentro das propostas curriculares acadêmicas no curso de Pedagogia e na própria sociedade.

Assim, o propósito desse artigo é compreender como a metodologia ativa Design Thinking pode contribuir com o trabalho que envolve práticas de letramentos em turmas de alfabetização. Para alcançar esse objetivo, o trabalho buscará entender o que é Design Thinking, identificar sua relação com a educação e relacionar a abordagem com às aprendizagens que se referem às práticas de escrita e leitura.

Para Deslandes (2010) a demarcação da metodologia demanda dedicação e cautela do pesquisador. Mais que uma definição formal dos métodos e técnicas a serem usados, sugere as conexões e a leitura funcional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetivos de estudo.

Assim, os caminhos metodológicos escolhidos para responder os questionamentos levantados será a pesquisa bibliográfica, buscando um diálogo com autores teóricos e pesquisadores e aqueles que se propõem debater sobre o tema, por meio de reflexão de artigo, documentos legais, livros, planos de aula, relatos de práticas (escritos ou em vídeo) e materiais disponibilizados na internet.

O trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, entendendo que essa apresenta relevantes princípios para nortear estudos que têm como objeto a contribuição de metodologias ativas para a aprendizagem de práticas de escritas. Gil afirma que a pesquisa bibliográfica ... "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos" (GIL, 2002 pg. 44).

Assim, o método de pesquisa será o bibliográfico, através de uma seleção e revisão de livros, artigos e documentos vinculados aos temas disponibilizados nos bancos de dados Google Scholar,



da Scielo e banco de teses da CAPES. As pesquisas foram divididas, com as temáticas letramento e metodologias ativas, Design Thinking e práticas de letramento, que foram publicadas nos últimos dez anos.

No primeiro momento do artigo serão explorados o contexto histórico e os conceitos do Design Thinking. No segundo momento, discutiremos sobre a relação da metodologia com a educação. Por fim o debate será em torno da utilização do Design Thinking em turmas de alfabetização no que cerne às práticas de escritas.

DESIGN THINKING EM UMA ABORDAGEM EDUCACIONAL

O Design Thinking (DT) é uma metodologia ativa que vem sendo proposta no campo da educação, como uma possibilidade de desenvolver novas abordagens e experiências em relação às aprendizagens. Durante o período da Guerra Fria, o Design Thinking (DT) surge como uma possibilidade para resolução de problemas de grande complexidade. Na década de 2000 começa a ser disseminado no mundo corporativo, onde o termo foi divulgado pela empresa de design IDEO, que utilizou o pensamento criativo como o objetivo de trazer ações transformadoras, por meio de soluções criativas e inovadoras, centradas nas pessoas. Contudo, foi no ano de 2009 que o Design Thinking foi associado ao contexto educacional. No âmbito nacional, em 2012 começaram a ser divulgados relatos de experiências do uso pensamento criativo como uma abordagem de transformação e de possíveis rupturas de práticas entendidas como limitadas e tradicionais.

O Design Thinking trata-se de um processo que tem como pressupostos a criatividade, a colaboração e a inovação. Os aspectos característicos dessa abordagem é o desenvolvimento da empatia, do incentivo ao experimento, centrado no ser humano, dentro de uma ótica otimista.

A utilização de uma proposta de trabalho baseada no uso do DT fomenta a resolução de problemas por meio do pensamento ativo e empático no âmbito escolar, onde a participação do coletivo é fundamental para o desenvolvimento do processo. Spagnolo nos diz que o Design Thinking “ [...] é um processo colaborativo que requer diálogo, trabalho em equipe e incessante busca por diversos pontos de vistas em que a criatividade coletiva reforça que a criatividade individual” (SPAGNOLO, 2017, p.73).

Na perspectiva educacional a abordagem promove o desenvolvimento da empatia, por meio da escuta, busca melhorias a partir da resolução de um problema real, o que desenvolve a criatividade, além de reforçar o trabalho em equipe, em um ambiente onde todos contribuem na formulação dos problemas.

Entretanto, adotar esse tipo de abordagem na educação não significa trazer ações específicas do campo empresarial. A ideia é adotar práticas inovadoras capazes de contemplar as habilidades do sujeito de maneira interdisciplinar, colocando-o no centro da aprendizagem. E é



nesse prisma que o DT traz importantes contribuições no campo da educação, de maneira, que desenvolve a postura criativa e investigativa, além de fomentar a curiosidade (SPAGONOLO, 2017).

Diante disso, cabe destacar que as crianças menores têm suas impressões, opiniões e percepções sobre o mundo. Elas fazem parte das dinâmicas sociais, são produtoras e consumidoras de cultura, e por isso, devem ser vistas como sujeitos ativos, aptos a questionarem e interferirem na sua realidade. Assim, é fundamental a escola proponha um trabalho em que a criança amplie e tenha oportunidade de refletir sobre a escrita, estreitando esse contato com a cultura escrita, respeitando a criança como produtora de cultura, como afirma Baptista (2010).

Dessa forma, propor a utilização do processo do Design Thinking em práticas pedagógicas que envolvem o ensino das séries iniciais, especificamente em turmas de alfabetização, é bastante pertinente e efetivo, pois os aspectos o processo colaboram com uma aprendizagem interativa, colaborativa, conectado com o demandas sociais das quais os sujeitos estão inseridos, além de desenvolver posturas de escuta empática e de diálogos, que são de extrema importância para a formação do aluno e do convívio em sociedade.

O objetivo do Design Thinking é envolver os sujeitos inseridos no processo de ensino aprendizagem em situações/problemas reais, que ocorrem dentro do seu contexto social. Os alunos, enquanto sujeitos, devem de fato se proporem a resolver problemas da escola ou da comunidade escolar dos quais fazem parte.

Nesse sentido, justifica-se o uso do DT na escola pelo processo ter como pressuposto principal o foco no ser humano, ou seja, todo o processo desenvolve-se centrado no sujeito. Para Spagnolo “Esses princípios podem oferecer um processo de ensino e de aprendizagem mais colaborativo, divertido, mais confiante na criatividade, com maneiras distintas de engajar as pessoas nas soluções de problemas. (SPAGONOLO, p.77, 2017).

Em 2014, o Instituto Educadigital elaborou o livro intitulado *DT para educadores*, em que as etapas que norteiam a abordagem foram pensadas para a proposta escolar. O livro DT para educadores (2014) explica que são cinco fases que auxiliam no processo de desenvolvimento, que contemplam desde a identificação do desafio até à construção da solução. Deste modo, essas etapas podem ser explicitadas pela figura 01 a seguir.



Figura 01. Etapas do Design Thinking



Fonte: <http://gg.gg/yaybf>

Por meio da análise da imagem é possível conhecer as fases da DT e compreender como a abordagem torna-se tão significativa dentro do contexto escolar. Sendo assim, as etapas do processo DT são descobertas, interpretação, ideação, experimentação e evolução.

A primeira fase é a da descoberta, nesse momento inicial as ações são no sentido de desenvolver a empatia, onde deve-se compreender o desafio, fomentar a pesquisa, de modo a ampliar o conhecimento, por meios de dinâmicas de entrevista, observação e escuta das pessoas que estão envolvidas na questão levanta. No livro *DT para educadores* explicita que “ (...) o desafio deve ser passível de entendimento, ação, abordagem e deve ter um escopo claro – nem tão grande e deve ter um escopo claro - nem tão grande nem tão pequeno, nem tão vago ou tão simples” (2014, p.20).

A segunda fase é a interpretação, em que os dados e as informações que forem reunidas devem ser interpretadas. O objetivo é analisar o que foi coletado de maneira crítica de modo que seja possível ressignificá-los e transformá-los em pressupostos para o desenvolvimento do processo. É importante que se entenda de fato o que se pretende solucionar para que as ideias possam surgir criativamente para serem propostas na próxima fase (EDUCADIGITAL, 2014).

Para Cavalcanti (2017, p,83), a ideação “é a transição entre a identificação dos problemas e a exploração de soluções.” Nessa terceira fase é o momento da tempestade de ideias (Brainstorming) em que os sujeitos inseridos no processo exponham suas ideias com o intuito de construir uma solução para o desafio designado.

Segundo Cavalcanti (2017) ser criativo é ter a capacidade de pensar de maneira original a fim de produzir soluções para problemas, processos e serviços e produtos. Ou seja, é a fase para geração de ideias para que possa ser utilizada ou colocada em prática. Entretanto, é fundamental que essa fase seja compreendida como um espaço de criatividade, sem o julgo do que é certo ou



errado, mas sim para a explosão de ideias, das possibilidades e tentativas. Essa etapa então torna-se oportuna para a construção da ideia de que o erro faz parte do processo, desassociando da concepção que o erro está relacionado ao fracasso. A partir desses pressupostos ampliam-se as ações criativas, em um movimento de suscitar possibilidades diversas

A penúltima fase é denominada prototipação, momento em que as ideias propostas, que foram coletivamente selecionadas e analisadas, serão experimentadas. É uma etapa bastante significativa, visto que, as ideias sairão do campo abstrato para o concreto, onde será possível gerar mais conhecimentos e trocas, de modo, que nessa parte do processo do Design Thinking, o sujeito envolvido poderá refletir sobre os seus protótipos, realizando ajustes e adaptações.

Sendo assim, nesse momento surge espaço para as avaliações e reflexões, sobretudo como será colocado em prática. As ações que irão nortear são construção e desenvolvimento de protótipos, onde as ideias selecionadas serão experimentadas, compartilhadas, refletidas e avaliadas.

A última fase, a Evolução-Ação trata-se da execução das ideias e a construção daquilo que foi proposto para a solução do desafio/problema. Para SPAGNOLO “É a oportunidade para adentrar no processo da prática, ir mais além do que foi aprendido teoricamente e considerar todas as vivências anteriores na busca da qualidade para a solução dos problemas “(2017, p.88).

Nessa etapa, algumas ações são essenciais para que ela seja efetivada, tais como a documentação de todo o processo e o envolvimento das pessoas que irão ajudar para que a solução seja colocada em prática. É o momento de vivenciar as dinâmicas da prática, de utilizar aquilo que foi construído pela observação, descoberta, reflexão, interação, experimentação e prática.

DESIGN THINKING: O TRABALHO COM AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO

O termo letramento surge no cenário de discussões no Brasil sobre questões referentes à alfabetização. No início, estabeleceu-se uma relação com o termo da língua inglesa *Literacy*, assumindo diversos conceitos, inclusive, como sinônimo de alfabetização (Tfouni,1994). Essa concepção equivocada foi amplamente difundida pelos profissionais da educação. Entretanto, não era apenas uma questão de definir um conceito sobre o letramento, a questão é que a partir da divulgação equivocadas dessas concepções muitos profissionais embasaram suas práticas de trabalho.

Nesse contexto, é importante dizer que muitas concepções de letramento se fazem presente na literatura. Em *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*, com bases na teoria da psicogênese, a autora Magda Soares conceitua o letramento: “... pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que



envolvem a língua escrita – o letramento (SOARES, 2004, p.25). Ainda na perspectiva construtivista, os autores Arthur Gomes, Eliana

Albuquerque e Telma Leal afirmam que “o letramento se relaciona ao exercício efetivo e competente daquela tecnologia da escrita, nas situações em que precisamos ler e produzir textos reais. (BRASIL, 2006, p.70)

No entanto, a ampliação dos estudos sobre o letramento, especificamente, os impactos das práticas dos usos sociais da escrita assumiam em grupos sem ou com pouco acesso a escolaridade, propuseram que o letramento poderia ser entendido além da ótica da aprendizagem funcional da escrita, mas que as práticas de letramento sociais além da alfabetização, também constitui o processo de letramento de um sujeito. Para Street (1984), essa concepção é baseada em um modelo denominado ideológico, em que afirma que existem diversas práticas de letramentos, definidas pelos aspectos culturais e sociais, de maneira que a escrita assume diferentes valores, dependendo do contexto social.

Nesta linha de pensamento, a autora Leda Tfouni define letramento como “um processo cuja à natureza é sócio-histórica” (TFOUNI, 1994, p.50). Isso significa que o letramento não sobrepõe a alfabetização e muito menos o pensamento de que é somente na escola que as práticas de letramentos estão presentes. Pois, antes mesmo de ingressar ao ambiente escolar o sujeito, inclusive enquanto criança, já tem contato com a leitura e a escrita que estão imersas nas diversas práticas sociais de letramento.

Dessa forma, a proposta de alfabetização que, de fato, ensinem a língua escrita. Segundo Vygotsky (1998) o ensino da escrita não pode ser de desenhar letras e construir palavras, mas, o que ela representa para as crianças, enquanto capacidade de serem autores autônomos.

Apesar das situações do uso da escrita e da leitura estarem presentes em diversas esferas da sociedade, a escola é a principal porta para a inserção à cultura letrada, sendo ela tradicionalmente responsável pelo processo de alfabetização, compreendida nesse presente trabalho dentro de uma perspectiva discursiva enunciativa. Nessa perspectiva, a alfabetização é um processo que envolve situações discursivas de interação com o outro por meio da língua escrita e oral.

A construção da escola como uma instituição imbuída de ensinar a língua, especificamente como um objeto, aliada à uma concepção de letramento em que priorizavam apenas o ensino da leitura e da escrita, ou seja, apenas no sentido de aprender a língua como um mero conteúdo fez com que a escola adotasse uma abordagem em que o letramento estivesse estritamente associado somente às práticas de alfabetização.

No entanto, para que o aluno esteja inserido em práticas de letramento, de maneira que a escrita e a leitura sejam entendidas como práticas discursivas imersas em contextos sociais, é preciso que a escola amplie suas práticas e aborde uma perspectiva que considere o sujeito como



um ser sócio-histórico e sobretudo as suas relações com as situações reais da escrita na vida cotidiana. Para isto, a escola deverá pensar em uma mudança de abordagem, em que o letramento assuma uma perspectiva social - letramento ideológico), opondo-se a uma concepção vigente que é elitista e excludente, que muitas vezes faz com que apague no sujeito as relações historicamente construídas com a linguagem, a partir das sua inserção nas práticas sociais - letramento autônomo (STREET,1984; TFOUNI,1994).

Isso representaria também uma mudança do modo como a escola entende a aprendizagem da língua, deixando de compreendê-la apenas como um objeto. Nesse sentido, Antunes (2003) nos diz que as práticas de ensino de leitura e escrita devem se pautar em propostas que as tornem significativas para os alunos dentro e fora do contexto escolar. É importante considerar suas redes discursivas das quais estão inseridos dentro da sociedade, que os constituem também enquanto sujeitos históricos, sociais e culturais. Essa linha de pensamento dialoga com a autora Kleiman (2010) quando afirma que as práticas sociais de letramento as quais um sujeito está inserido e as suas relações fazem parte da construção da sua identidade.

Dessa forma, a escola pode adotar propostas metodológicas que sejam associadas a situações reais que ocorrem no cotidiano desses sujeitos, em que se pautem em práticas sociais da leitura e da escrita.

É possível que o professor de uma turma de alfabetização desenvolva a partir de uma abordagem do DT, atividades que contemplem as práticas de letramento. Apesar de serem alunos menores, a turma pode levantar situações vistas como desafios para serem trabalhadas, trazendo questões que envolvam a sala de aula ou até um momento da rotina deles dentro da escola, que pode variar desde a criação de espaços, à organização da sala de aula. Esses contextos podem ser terreno fértil para a abordagem Design Thinking ser desenvolvida e proposta para os alunos.

Nesse sentido, ao analisar as etapas do DT podemos encontrar espaços em que o trabalho com as práticas do letramento seja viável. Na etapa da descoberta é possível contemplar a dimensão do letramento que abrange as relações do sujeito com as questões sociais, visto que, propõe que o desafio/problema seja proposto a partir de questões que emergem no ambiente escolar.

É também nessa etapa que o aluno se inscreve em distintos eventos de letramentos, pois participa de entrevistas, de observações, de ações de identificação de dados, inclusive com apoio de outras linguagens, das quais constrói as suas teias discursivas, por meios dos seus enunciados (oral e escrito) atravessados pelas interações sociais, que são estabelecidas durante o uso da abordagem ativa.

Com isso, o uso da abordagem do Design Thinking permite que o trabalho proposto pela escola, especificamente, pelo professor, crie um contexto de interação onde os interlocutores sejam reais, se contrapondo a práticas em que o aluno participa de práticas de letramentos, em que



o interlocutor muitas vezes é abstrato, o que reduz e torna ineficiente o trabalho desenvolvido com práticas de leitura e escrita na escola.

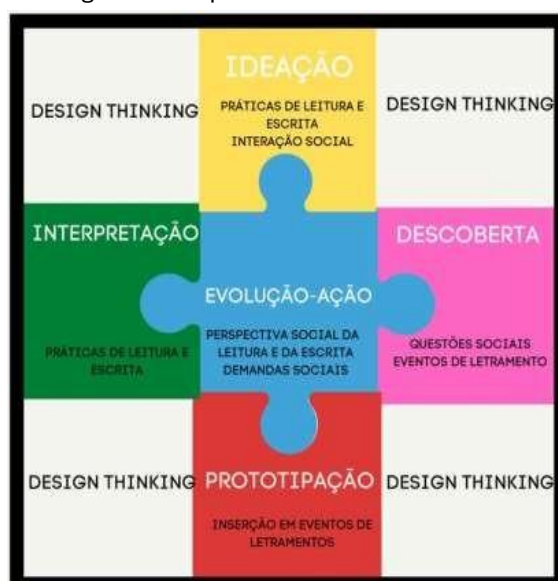
Na etapa de interpretação é possível identificarmos o uso da leitura e da escrita, consideradas como práticas de letramento, em situações de reflexão, por meio da interação verbal e da comunicação humana.

A ideação, etapa seguinte, é a fase que tem como fator fundamental o processo criativo e a contribuição de ideias coletivo, temos a participação dos alunos envolvidos em atividades de práticas letradas, de forma autoral e crítica, em situações reais, em uma proposta significativa e pertencente à rotina escolar do qual fazem parte.

Na penúltima fase, a prototipação favorece mais momentos em que a produção de eventos de letramentos esteja no ponto central das atividades. Nessa fase, os alunos devem compartilhar suas ideias por meio de seminários, encenação, produção de vídeos entre outros, de maneira que o aluno irá se apoiar na língua escrita e oral.

A etapa de evolução-ação, fase em que os alunos irão colocar em prática o que foi produzido, compartilhando com todos aqueles que estavam envolvidos com a situação levantada. Torna-se, então, outro momento em que é possível propor uma proposta de letramento, que contempla com a perspectiva social da escrita e da leitura, em contextos comunicativos, conectadas com o cotidiano e suas demandas.

Figura 2 – Mapa Mental DT E Letramento



Fonte: elaborado pela autora

A figura 2 anterior demonstra os encaixes que ocorrem entre o processo de letramento e o DT. Com isso, é importante dizer que as atividades que podem ser desenvolvidas e propostas pelas etapas do DT dialogam com o conceito de letramento do qual o estudo apresenta como perspectiva e atendem à uma configuração que de forma coletiva, os alunos interagem com outros sujeitos



envolvidos, realizando trocas de saberes e conhecimentos, inseridos em situações reais com o objetivo de pensar criticamente em demandas sociais, que por sua vez, interferem na realidade não somente do aluno mas de toda comunidade escolar. E, sobretudo, são atividades pautadas em eventos de letramentos, atravessadas pela leitura e pela escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após, a análise de relatos, artigos e outras produções acadêmicas que discorrem sobre a temática foi possível identificar significativas contribuições do Design Thinking para o trabalho de atividades que envolvem práticas de letramento durante o processo de alfabetização.

As etapas inerentes ao processo DT permitem que os alunos desempenhem a função social da escrita e da leitura, dentro de contextos que tratam de questões reais, o que amplia o seu acesso à cultura letrada. Além disso, por meio da abordagem ativa é possível posicionar os alunos em uma postura de autoria e de criticidade. Assim, as ideias principiadoras do DT no contexto educacional corroboram com as perspectiva do letramento ideológico, onde o ponto de partida é a atividade centrada na prática social, considerando seus contextos e as demandas históricas e culturais.

Em salas de alfabetização no que cerne as práticas de letramento, o processo criativo Design Thinking favorece o trabalho com os eventos de letramento, utilizando-se da leitura e da escrita. Durante o desenvolvimento das etapas, o aluno é convidado a todo momento a ampliar os seus discursos e compartilhá-los em uma ótica colaborativa e de um lugar de compreensão dos anseios da sua realidade e a do outro.

A proposta do Design Thinking em envolver os alunos em situações desafios permite que a educação seja vista sobre um prisma de mudança de realidades, trazendo grandes contribuições para o ensino aprendizagem e para a relação do aluno com a escola e com a própria educação. De maneira, que colocará o aluno em uma atitude ativa e responsiva do que se refere à sua aprendizagem.

Por fim, o Design Thinking não somente favorece o trabalho de práticas de letramento em turmas de alfabetização, mas também contribui para uma educação concebida como uma prática especificamente humana, que possibilita o homem inventar, transformar e reinventar a realidade em um processo de ação-reflexão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BACICH, L & MORAN, J. (Orgs). **Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.



BACICH, L. **Por que metodologias ativas na educação?** In: SZUPARITS, B. (Org.). Crescer em Rede: metodologias ativas. Inovações na prática pedagógica: formação continuada de professores para competências de ensino no século XXI. São Paulo:

Instituto Crescer, 2018b. Disponível em: www.crescerrede.org.br/Guia_metodologias_ativas.pdf. Acesso em 25 fevereiro 2022.

BAPTISTA, Mônica Correia. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância.** In: SEMINÁRIO NACIONAL DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 1, 2010, Belo Horizonte. Anais... Disponível em: Acesso em: 28 jan. 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília, DF, 2006.

BROWN, T. Design Thinking. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2010. CROSS, Nigel.

Designerly Ways of Knowing: Design Discipline versus Design Science. Design Issues, v. 17, n. 3, p. 49-55, 2001. Disponível em: <https://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/074793601750357196>. Acesso em: 25 fevereiro 2022.

CAVALCANTI, C.M.C. **Contribuições do Design Thinking para concepção de interfaces de Ambientes Virtuais de Aprendizagem centradas no ser humano** 2015. 254 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In:_____. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 29.

ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. cap. 2, p.31-60.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INSTITUTO EDUCADIGITAL. **Design Thinking para educadores.** 2014. Disponível em: <https://www.institutodigital.com.br/>. Acesso em março 2022

KLEIMAN, A. B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna.** Signo, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, jul. 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/>. Acesso em: 20 fevereiro 2022.



SPAGNOLO, C. A formação continuada de professores: **o Design Thinking como perspectiva inovadora e colaborativa na educação básica**. 219 f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2017.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TFOUNI, L. **Letramento e Autoria: dispersão e deriva de sentidos**. Conferência Abralín Ao Vivo. 2020. 1 vídeo (1h 14min). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: [Debbie Mello Noble 237](https://www.youtube.com/watch?v=DebbieMelloNoble237) Revista Linguagem em Foco Fortaleza, CE v. 12 n. 3 ISSN 2674-8266 em Acesso em: Início – Abralín ao Vivo: Linguists Online 06 março. 2022.

_____. **Perspectivas históricas e a-históricas do letramento**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, 1994, v. 26, p. 49-62.

VALENTE, J.A. **A Sala de Aula Invertida e a Possibilidade do Ensino Personalizado**: uma experiência com a graduação em Midialogia. In: Lilian Bacich; José Moran. (Org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem técnico-prática. 1ed. Porto Alegre: Penso, 2018, v. 1, p. 26-44.

VIGOTSKI, L. S. **A pré-história da língua escrita**. In: VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.